

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — EMBRAPA
Vinculada ao Ministério da Agricultura
Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual de Teresina
UEPAE de Teresina
Av. Duque de Caxias, 5650 - Bairro Buenos Aires
Caixa Postal 01
64.000 — Teresina-PI

COMUNICADO TÉCNICO

Nº 26, Jan/85, p. 1-7

FONTES DE SUPLEMENTAÇÃO PARA BOVINOS NO PERÍODO SECO

José Alcimar Leal¹

Gonçalo Moreira Ramos²

Hoston T. S. do Nascimento²

A pecuária bovina de corte no Estado do Piauí é mantida basicamente em regime extensivo de criação, tendo como fonte principal de alimentação a pastagem nativa, cujo desempenho do rebanho torna-se bastante comprometido, em função da excessiva variação da disponibilidade e valor nutritivo da pastagem ao longo do ano. Como esses fatores dependem basicamente da presença de umidade no solo e como na região ocorre periodicamente uma estação seca muito prolongada, há uma acentuada flutuação na produção de pastagem entre a estação chuvosa e a estação seca.

Na estação chuvosa a pastagem se desenvolve rapidamente e apresenta valor nutritivo que atende as necessidades básicas dos animais, enquanto na estação seca, a falta de umidade no solo limita o crescimento das plantas e reduz drasticamente o seu valor nutritivo.

Do ponto de vista econômico, o efeito da estacionalidade na produção de pastagem, sobre o animal é muito intenso, visto que a maior parte do peso ganho no período das águas é per-

¹ Med.- Vet. M.Sc. EMBRAPA/Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual (UEPAE de Teresina), Caixa Postal 01, CEP 64.000 Teresina - Piauí

² Eng. Agr. M.Sc. EMBRAPA/UEPAE de Teresina.

dido na estação seca, época em que a pastagem perde o seu valor nutritivo a ponto de não atender as exigências nutricionais de manutenção. Essa situação tem se agravado nos últimos anos, em função da ocorrência de secas periódicas. A escassez de forragem nas épocas secas, somadas às deficiências minerais e a falta de controle sanitário do rebanho, vem ao longo dos anos contribuindo significativamente, para aumentar as perdas na pecuária bovina, que se traduzem não apenas em mortes, mas também na redução da eficiência produtiva dos animais sobreviventes.

Sendo a pastagem a alimentação básica do rebanho, da interação entre as exigências nutricionais do animal e o valor nutritivo da pastagem resulta o desempenho do animal. Como na situação analizada o desempenho não é satisfatório, a alternativa viável seria efetuar uma suplementação no período seco, visando minimizar os efeitos nocivos da deficiência nutricional, e consequentemente acelerando o crescimento dos animais jovens, reduzindo a idade de abate e aumentando a eficiência reprodutiva.

De certa forma os produtores já estão conscientes da necessidade de melhorar o nível de alimentação do rebanho nas épocas secas, no entanto, a resposta através do uso de fontes alternativas de suplementação tem sido limitada, em função da falta de conhecimento do produtor, na utilização de forma racional, do material disponível.

O sucesso de um trabalho de suplementação em bovinos depende basicamente de dois fatores: a disponibilidade e o valor nutritivo do material utilizado e a viabilidade econômica na sua utilização.

A nível de Estado do Piauí, dados de pesquisa tem demonstrado a viabilidade de utilização de várias fontes de suplementação na seca, com resultados significativos, principalmente porque dependendo da região, todo o material utilizado na suplementação é produzido na própria fazenda, com custos relativamente baixos. Entre as fontes alternativas de suplementação na época seca, que podem ser indicadas para o Piauí destacam-se: o

capim elefante, o feno de pastagem nativa, a casca de feijão, a vagem da faveira, o grão de sorgo e os restos de cultura de milho e de soja. (Tabela 1).

a) Capim Elefante

As capineiras formadas a base de capim Elefante são bastante difundidas no Estado e a maioria dos produtores dispõe de uma pequena área dessa forrageira implantada à margem do açude, ou em outro ponto de propriedade, onde haja umidade no solo durante a maior parte do ano. O que se discute aqui é a necessidade do produtor utilizar melhor essa capineira, oferecendo condições para que ela seja uma boa fonte de alimentação do rebanho nas épocas críticas. Portanto ao se manejar uma capineira, deve-se objetivar a obtenção de altas produções, persistência por vários anos e produção de forragem de bom valor nutritivo. Como o valor nutritivo da planta diminui a medida que avança o seu estágio de maturação (idade da planta), o acúmulo do crescimento da capineira na estação chuvosa, para utilização somente na época seca, resulta no fornecimento aos animais de um material de baixo valor nutritivo.

No manejo racional de uma capineira, recomenda-se que a sua produção seja cortada no período das chuvas, de modo a estimular a nova rebrota, para ser usada na alimentação do rebanho na estação seca. Com esse manejo será oferecido aos animais uma alimentação mais nutritiva, capaz de melhor atender às suas exigências nutricionais.

b) Feno de pastagem nativa

Em algumas regiões do Estado e em particular na região de Campo Maior, a pastagem nativa é constituída por uma mistura de gramíneas e leguminosas anuais, cuja produção média no final da estação chuvosa varia em torno de 3,0 ton de matéria seca/ha, com uma percentagem média de leguminosas, na sua composição botânica em torno de 60%. Essa pastagem, quando pastejada a uma taxa de lotação de 0,33 animal/ha/ano, proporciona no final

nal da estação chuvosa um excedente considerável de pastagem, no entanto como ela é constituída de plantas de ciclo anual, no período seco torna-se pouco disponível e de baixo valor nutritivo. A utilização desse excedente de pastagem sob a forma de feno tem se constituído numa boa opção para o produtor da região. Estudos realizados pela UEPAE de Teresina tem demonstrado que a produção de feno de pastagem nativa em Campo Maior em área pastejada com bovinos, com lotação controlada, é da ordem de 3.900 kg/ha no final da estação chuvosa, com um teor de proteína bruta em torno de 8%. Esse material tem sido utilizado como fonte de suplementação para bovinos no período seco, com excelentes resultados.

c) Casca de feijão

O feijão é uma cultura largamente utilizada em todo o Estado, no entanto, muito pouco tem sido feito em relação à utilização dos seus restos culturais na alimentação animal.

A área cultivada com feijão no Piauí é estimada em 200 mil hectares com uma produção em torno de 76 mil toneladas de grãos. Como nos componentes da vagem, o grão representa apenas 76%, os 24% restantes são formados pela casca, a qual constitui um sub-produto da cultura, de alto valor na alimentação de ruminantes. A disponibilidade desse sub produto no Estado é estimada em 24 mil toneladas por ano, e como os produtores de feijão geralmente são criadores de bovinos, e quase sempre, enfrentam problemas de alimentação do rebanho no período seco, a utilização racional da casca de feijão como fonte de suplementação na época seca, poderia alimentar 100 mil bovinos por um período de 120 dias, aumentando a eficiência produtiva do rebanho, proporcionando portanto uma economia significativa ao produtor.

d) Vagem de faveira

A faveira é uma leguminosa arbórea que ocorre com muita frequência na região de cerrado do Piauí. É encontrada praticamente em todas as microrregiões do Estado, na forma de planta na

tiva. Produz uma vagem muito apreciada pelos ruminantes a qual se torna disponível para o animal no período mais seco do ano (entre agosto e outubro), época em que as reservas de pastagens são muito limitadas.

A vagem de faveira tem se constituído numa boa fonte de suplementação para bovinos na época seca, pois além da sua disponibilidade ser alta em quase todo o Estado o seu amadurecimento ocorre sempre na época de escassez de forragem. A vagem é relativamente rica em proteína e minerais e é bem aceita pelos ruminantes, particularmente bovinos. Como a maior parte da proteína desse material concentra-se nas sementes, e estas apresentam baixa digestibilidade pelos bovinos, quando consumidas inteiras, recomenda-se a utilização da vagem, sempre que possível, de forma moída (triturada), para proporcionar um melhor aproveitamento pelo animal, dos seus componentes nutricionais.

e) Grão de sorgo

A cultura do sorgo se apresenta como uma alternativa viável para solos onde a cultura do milho tem algumas limitações. O Estado do Piauí é dotado de condições climáticas favoráveis à cultura do sorgo, apresentando portanto um grande potencial à sua exploração. Embora seja uma cultura nova em termos de exploração racional no Estado, a área plantada vem crescendo substancialmente nos últimos anos, em função da sua múltipla utilização, quer na alimentação humana, quer na alimentação animal. A área plantada no Estado é estimada em 8.500 ha, cuja produtividade está em torno de 2.000 kg/ha. Pelo alto valor energético e pelo razoável teor de proteína que possui, o grão de sorgo é uma excelente fonte de suplementação para bovinos no período seco, cuja resposta em termos de ganho de peso é excelente. Trabalhos realizados pela UEPAE de Teresina mostram que o sorgo é uma boa opção como fonte de suplementação para bovinos na época seca, quer pelo seu alto valor nutritivo, quer pela sua facilidade de cultivo e adaptação às condições do Estado.

CT/Nº 26, UEPAE de Teresina, Jan/85, p. 6.

f) Restos de cultura de milho

O aproveitamento dos restos de cultura de milho, como fonte de suplementação para bovinos na seca, se constitui numa alternativa viável para melhorar o nível alimentar do rebanho, no período em que a disponibilidade de pastagem é insuficiente. A utilização destes restos de cultura, a nível de pastejo, já vem sendo empregado com alguma frequencia pelos criadores, no entanto para que o material seja melhor aproveitado pelo animal, recomenda-se que a planta sem espiga, seja colhida e armazenada, e na época crítica, triturada e misturada ao capim, à vagem da faveira ou ao grão de sorgo e fornecido ao animal. Através dessa mistura, eleva-se o aproveitamento da planta em função do melhoramento da palatabilidade, tendo como resposta o maior consumo pelo animal.

g) Restos de cultura de soja

Com a introdução da soja Tropical e outras variedades adaptadas às condições climáticas do Piauí, essa cultura passou a fazer parte dos produtos agrícolas cultivados no Estado. Na cultura da soja o que se busca fundamentalmente é o grão, que é um produto de alto valor comercial pelo elevado teor de óleo e de proteína. Na colheita da soja quase sempre se perde parte do grão, junto com o resto da planta que na maioria das vezes é totalmente desprezado pelo produtor, por falta de conhecimento sobre sua utilização na alimentação animal. Como o grão de soja dispõe de aproximadamente 45% de proteína na sua composição, a utilização do resto de cultura de soja, como fonte de suplementação para bovinos no período seco, representaria para o animal o consumo de uma ração com pelo menos 10% de proteína, numa época em que o valor nutritivo da pastagem disponível é tão baixo que o teor proteico não ultrapassa os 3%.

CT/Nº 26, UEPAE de Teresina, Jan/85, p. 7.

Tabela 1. Fontes de suplementação para bezerros Nelore no período seco em Campo Maior-Pi, nos anos de 1982 e 1983 (valor nutritivo do material e ganho de peso dos animais).

Material utilizado	Proteína bruta (Percentagem)	Ganho de peso dos bezerros (g/animal/dia)
Capim Elefante	4,2	380
Feno de pastagem nativa	7,9	500
Casca de feijão	5,6	690
Vagem de faveira	8,0	519
Grão de sorgo	9,0	578
Restos de Cult.Milho	1,3	*
Restos de Cult.Soja	12,0	*

* Restos de cultura de milho e restos de cultura de soja foram utilizados associados ao grão de sorgo.